

Representações sociais de velhice por crianças do Ensino Fundamental I em Salvador¹

 <https://doi.org/10.47236/2594-7036.2026.v10.2306>

Ana Cristina da Matra Neri²
Livia Alessandra Fialho da Costa³

Data de submissão concluída: 29/6/2026. Data de aprovação: 22/9/2026. Data de publicação: 23/9/2026.

Resumo – Este estudo apresenta dados de pesquisa cujo objetivo foi compreender as representações construídas por crianças de escolas públicas e privadas em Salvador, em relação à velhice, suas relações com pessoas idosas e com a própria velhice futura. Trata-se de pesquisa exploratório-descritiva de abordagem qualitativa. Participaram 19 crianças do 5º ano do Ensino Fundamental I, com idades entre 10 e 11 anos. Apoiou-se na Teoria das Representações Sociais para compreensão dos dados produzidos a partir dos procedimentos: Questionário sociodemográfico, Grupo focal (com brincadeira adaptada) e entrevistas individuais semiestruturadas. Dados foram analisados utilizando a Análise Temática. Entre as crianças da escola privada, a velhice foi representada como “alcançar certa idade”, desgastes e declínio; pessoa idosa como portadora dos sinais visíveis da velhice e heterogênea em razão de preferências pessoais. Respeito foi a principal representação de interação com idosos e suas velhices futuras apontadas como saudáveis, autônomas e produtivas. Na escola pública, velhice foi representada como acúmulo de tempo de vida, desgastes e declínio, e pessoa idosa como portadora de sinais externos do envelhecimento, contudo heterogêneas conforme distintos contextos prévios de vida. Respeito e ajuda instrumental foram as representações que descrevem suas interações e velhice futura indicada como saudável, tecnológica e de personalidade agradável. Tais representações revelam tanto a observação da diversidade da velhice — mesmo na presença de alguns estereótipos — quanto podem indicar uma negação do envelhecimento influenciada por representações predominantes e conteúdos midiáticos, sinalizando a necessidade de maior atenção à velhice como tema em programas educacionais.

Palavras-chave: Ensino Fundamental. Infância. Intergeracionalidade. Representações sociais. Velhice.

Social representations of old age held by Elementary School children in Salvador

Abstract – This study presents research data whose objective was to understand the representations constructed by children from public and private schools in Salvador, in

¹ Este artigo resulta da Dissertação de Mestrado produzida no Programa de Pós-graduação em Família na Sociedade Contemporânea da Universidade Católica do Salvador.

² Mestra em Família na Sociedade Contemporânea pela Universidade Católica do Salvador. Professora Hospitalar do Programa de Reabilitação Neurológica da Rede SARAH de Hospitais de Reabilitação. Salvador, Bahia, Brasil.  nerianacris70@gmail.com  <https://orcid.org/0000-0003-4924-0622>  <https://lattes.cnpq.br/8321096188437420>.

³ Doutora em Antropologia Social e Etnologia pela Ecole des Hautes Études en Sciences Sociales de Paris, França. Professora titular do Departamento de Educação do Campus I da Universidade do Estado da Bahia, atuando no Programa de Pós-graduação em Educação e Contemporaneidade. Salvador, Bahia. Bolsista de Produtividade em Pesquisa, Nível C, do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Salvador, Bahia, Brasil.  fialho2021@gmail.com  <https://orcid.org/0000-0003-3795-3916>  <http://lattes.cnpq.br/0710584663045726>.

relation to old age, their relationships with elderly people and future own-old age. This is an exploratory-descriptive research with a qualitative approach. 19 children from the 5th year of Elementary School participated, between 10 and 11 years old. It was based on the Theory of Social Representations to understand the data produced from the following procedures: Sociodemographic questionnaire, Focus group (with adapted play) and semi-structured individual interviews. Data were analyzed using Thematic Analysis. Among children from private schools, old age was represented as "reaching a certain age", wear and decline; elderly person as having the visible signs of old age and heterogeneous due to personal preferences. Respect was the main representation of interaction with the elderly and their future old age pointed out as healthy, autonomous and productive. In public schools, old age was represented as an accumulation of lifetime, wear and decline, and the elderly as the bearer of external signs of aging, although heterogeneous according to different previous contexts of life. Respect and instrumental help were the representations that describe their interactions and future old age indicated as healthy, technological and with a pleasant personality. Such representations reveal both the observation of the diversity of old age — even in the presence of some stereotypes — and may indicate a denial of aging influenced by predominant representations and media content, signaling the need for greater attention to old age as a theme in educational programs.

Keywords: Elementary School. Childhood. Intergenerationality. Social representations. Old age.

Representaciones sociales de la vejez entre niños de Primaria en Salvador

Resumen – Este estudio presenta datos de investigación cuyo objetivo ha sido comprender las representaciones construidas por niños de escuelas públicas y privadas en Salvador-BA, en lo que respecta a la vejez, a sus relaciones con las personas mayores y a la futura vejez. Se trata de una investigación exploratoria-descriptiva con un enfoque cualitativo. Los participantes fueron 19 niños del 5º curso de Primaria I, de entre 10 y 11 años de edad. Se ha basado en la Teoría de las Representaciones Sociales para entender los datos obtenidos de los siguientes procedimientos: cuestionario sociodemográfico, grupo focal (con juego adaptado) y entrevistas individuales semiestructuradas. Los datos se han analizado mediante Análisis Temático. Entre los niños de escuelas privadas, la vejez ha sido representada como "alcanzar cierta edad", desgaste y deterioro; la persona mayor presentaba los signos visibles de la vejez y era heterogénea debido a preferencias personales. El respeto ha sido la principal representación de la interacción con los ancianos y su futura vejez ha sido señalada como saludable, autónoma y productiva. En las escuelas públicas, la vejez se representaba como una acumulación de toda una vida, desgaste y declive; y a los ancianos como portadores de signos externos del envejecimiento, aunque heterogéneos según los diferentes contextos previos de la vida. El respeto y la ayuda instrumental han sido las representaciones que describían sus interacciones y la vejez futura fue indicada como saludable, tecnológica y con una personalidad agradable. Dichas representaciones revelan tanto la observación de la diversidad de la vejez —incluso en presencia de algunos estereotipos— como pueden indicar una negación del envejecimiento influenciada por representaciones predominantes y contenido mediático, por lo que señala la necesidad de mayor atención a la vejez como tema en los programas educativos.

Palabras clave: Escuela primaria. Infancia. Intergeneracionalidad. Representaciones sociales. Vejez.

Introdução

O envelhecimento é um processo biopsicossocial e multidimensional que se estende ao longo do ciclo da vida e tem sido expressivo em diversos países em razão do aumento da longevidade, o que tem permitido às sociedades contemporâneas, a convivência com pessoas idosas.

O Brasil tem experimentado o envelhecimento populacional de modo acelerado nas últimas décadas, e os dados do censo realizado em 2022 apontam que pessoas com mais de 60 anos de idade representam 15,8% da população geral, revelando mudança na pirâmide etária, com projeções de persistência e aumento deste índice (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2023).

A despeito do crescente envelhecimento e diversidade de abordagens teóricas sobre o tema, visões estereotipadas que têm acompanhado historicamente a velhice e o processo de envelhecimento ainda encontram lugar na contemporaneidade. Nesse âmbito estão visões que, ao tomarem o envelhecimento como doença, decadência, incapacidade e perdas, colaboram para a produção de estigmas sobre as pessoas na velhice, as quais são rotuladas como dependentes, frágeis, ultrapassadas, improdutivas, revelando uma perspectiva homogeneizadora desta fase da vida e a característica da lógica produtiva nas sociedades ocidentais e nãoocidentais (Debert, 1998; Felc; Felc, 2024; Gvozdz; Dellaroza, 2012).

As investigações em torno dessas visões e estereótipos sobre envelhecimento e velhice indicam uma correlação com atitudes mais negativas para com pessoas idosas. A exposição a tais estereótipos ao longo da vida pode produzir internalização de preconceito etário, afetando a própria autopercepção de pessoas idosas sobre sua fase de vida. Isto se correlaciona a piores desfechos em saúde física e mental, qualidade de vida, isolamento, silenciamento e impacto no acesso a direitos já instituídos ou na construção de políticas públicas (Hoffmann; Kornadt, 2022; Ishikawa, 2023; Teixeira *et al.*, 2024; Yuvakgil *et al.*, 2025).

Embora menos prevalentes, coexistem modos de pensar o envelhecimento enquanto processo de mudanças ocorrendo em ritmos distintos, produzindo velhices variadas e perpassadas pelas categorias de gênero, etnia/raça, classe social e idade. Essas visões confluem com princípios teóricos que concebem velhice como construção sociocultural, pois diferentes contextos sócio-históricos e culturais definem “as representações sobre a velhice, a idade a partir da qual os indivíduos são considerados velhos, a posição social dos velhos e o tratamento que lhes é dado pelos mais jovens” (Debert, 1998, p. 8).

A compreensão das representações que têm lugar em uma sociedade tem sido tomada por distintas abordagens teóricas, entre as quais encontram-se os contributos da Teoria das Representações Sociais, proposta por Serge Moscovici (2004). Nessa perspectiva, as representações sociais são construções realizadas no interior das relações, nas conversações cotidianas e rápidas dos sujeitos em seus grupos sociais, constituindo-se em um conhecimento de mundo (ou conhecimento de senso comum), as quais, deslocando-se destas relações, espalham-se e podem condicionar nossas atitudes.

Entretanto, apesar de constatar que “as representações sociais são históricas na sua essência e influenciam o desenvolvimento do indivíduo desde a primeira infância” (Moscovici, 2004, p. 108), Moscovici atribui aos sujeitos um papel ativo na produção – quando compartilham seus conhecimentos e explicações sobre temas cotidianos –, na circulação – por meio dos discursos, nas imagens midiáticas, gestos – e também na reconstrução – ao longo da vida –, evidenciando o seu caráter dinâmico e mutável.

As crianças, sujeitos sociais da infância, não apenas “consomem” as representações preexistentes e que são construídas também na família e em outros círculos de socialização (Costa, 2009). Inseridas num mundo de significados, símbolos e conceitos através das suas interações com os primeiros adultos de convivência e, posteriormente com outras crianças, elas também produzem conhecimento de mundo e os fazem circular em seus grupos sociais nos contextos de brincadeiras, conversações, bem como reconstróem tais representações a partir das experimentações que realizam coletivamente.

Sujeitos sociais da infância e da velhice, as crianças e idosos se conectam por meio das interações e relações que estabelecem e nas quais partilham bens tangíveis e intangíveis. Dessas relações intergeracionais resultam representações sobre os elementos do mundo, entre os quais a própria infância, velhice e o processo de envelhecimento. A intergeracionalidade é, ela própria, também um fenômeno social contemporâneo em que convivem múltiplas gerações de pessoas idosas e mais jovens, sendo apontada como relevante para a transformação ou emergência de novas representações que promovam um olhar mais empático à velhice e, em última instância, possam impactar a própria velhice que as crianças atuais viverão (Aquino *et al.*, 2024; Blanche *et al.*, 2021; Brandão *et al.*, 2006; Hoffmann; Kornadt, 2022; Miranda; Paz, 2026).

Distinguem-se dois universos de conhecimento na produção de representações sociais: o **reificado**, relativo ao conhecimento produzido no mundo da ciência ou em contextos da autoridade, e o **consensual**, referente ao senso comum, ou seja, ao que é próximo do sujeito e que naquele espaço de interação ele pode nomear e tornar concreto através dos processos cognitivos de ancoragem e objetivação. A **ancoragem** é o processo pelo qual tentamos classificar as coisas desconhecidas inserindo-as em categorias já acessadas e conhecidas, hierarquizando e fixando o que é novo em algo de conhecimento prévio, e a **objetivação** é o processo que permite tornar concreto algo não familiar, colando-o a uma imagem, a qual passa a ser, então, a própria realidade e pode substituir a palavra (Moscovici, 2004).

As representações sociais sobre envelhecimento, velhice e pessoas idosas têm sido investigadas a partir das construções de sujeitos sociais em diferentes etapas do curso de vida, tanto pelo entendimento de que todo sujeito social tem papel ativo na produção, circulação e transformação de representações, quanto porque a classificação etária opera não apenas para as distinções do próprio grupo etário, mas em certa medida determina as representações em circulação nesses grupos, em uma mesma sociedade (Andrade, 2018; Lopes; Park, 2007; Santos; Sales, 2024; Simões, 2024).

O estudo ora apresentado partiu de pressupostos do envelhecimento como processo do ciclo de vida e multidimensional; velhice e infância como construções e categorias sociais; pessoas idosas e crianças como sujeitos sociais cujo entrelaçamento atua na produção de representações sociais. Teve por objetivo compreender quais são as representações sociais construídas por crianças, cursando o 5º ano do Ensino Fundamental I, em escolas públicas e privadas, em relação à velhice, relações que instituem com pessoas idosas e sobre sua própria velhice futura, tendo por contexto cultural a cidade do Salvador.

Materiais e métodos

O estudo consistiu em pesquisa de natureza qualitativa exploratório-descritiva, realizada em 2022, submetida e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Católica do Salvador (UCSal), registrada sob número CAE

58613622.5.0000.5628. A coleta de dados se deu no período de julho a agosto de 2022, em uma escola da rede privada (EPv) e outra da rede pública (EPb) de ensino, situadas em bairros de classe média e baixa, próximos entre si, na região central da cidade de Salvador/BA, as quais contavam com classe do 5º ano do Ensino Fundamental I.

Participaram 19 crianças, conforme os seguintes critérios: matriculadas e cursando o 5º ano do Ensino Fundamental I; entre 10 e 11 anos de idade no início da coleta de dados; apresentar habilidades de linguagem oral e/ou escrita para participar dos procedimentos de pesquisa e disponibilidade para permanecer na unidade escolar para as atividades programadas. O consentimento dos familiares e/ou responsáveis foi indicado através do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e concordância das crianças registrada em Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE). Os nomes das crianças foram substituídos por nomes aleatórios para preservar suas identidades.

Considerando as peculiaridades da cultura infantil, optou-se pela construção de metodologias não convencionais, conforme apontado por Martins Filho e Barbosa (2010), e em consonância com outros estudos qualitativos com crianças como sujeitos, os quais utilizaram diversidade de técnicas como desenho livre, jogos verbais, de cartas e imaginativos, histórias, brincadeiras e dispositivos lúdicos criados para pesquisa, como a instalação de Máquina do Tempo (Andrade, 2018; Azambuja; Rabinovich, 2017; Lopes; Park, 2007; Paula *et al.*, 2025).

No nosso estudo foram utilizados como instrumentos: um Questionário de Coleta de Dados Sociodemográficos (preenchido pelas famílias, relativo a informações de identificação geral da criança, coabitação com familiar idoso/a e renda) e, com as crianças participantes, a combinação das técnicas de Grupo Focal iniciado por uma brincadeira denominada Salada de Frutas (versão regional do jogo “Stop”), discussão e Entrevistas Semiestruturadas Individuais em datas posteriores à sessão de Grupo Focal.

O procedimento Salada de Frutas consistiu em folha com 4 categorias (“uma pessoa idosa é...”, “como eu trato pessoas idosas...”, “como eu trato pessoas idosas familiares...” e “quando eu for idoso/a, eu...”), sendo as crianças solicitadas a produzirem, dentro de um tempo de 3 minutos, palavras que elas considerassem representativas para cada categoria. Posteriormente apresentaram suas respostas no grupo, discutindo-as, totalizando 40 minutos neste procedimento, cuja sessão foi registrada em gravador de áudio, além das anotações no Diário de Campo.

As entrevistas com roteiro produzido para a pesquisa tiveram duração de 10 a 15 minutos e foram gravadas e conduzidas em salas com maior privacidade definidas pelas escolas.

Resultados e discussões

Os dados sociodemográficos de caracterização dos participantes foram tratados por meio de estatística descritiva simples, considerando as frequências absolutas das respostas. Participaram 19 crianças, sendo 10 provenientes da escola da rede privada e 09 da escola pública. Houve maior número de meninas (11 participantes) do que de meninos (8 participantes), sendo a média de idade de 10,1 anos na EPv e 10,4 anos na EPb.

Em relação ao aspecto socioeconômico, prevaleceu renda familiar baixa entre alunos da escola pública e renda familiar média entre crianças da escola privada. Considerando as duas escolas, 13 crianças foram identificadas por suas famílias como pardas, 5 como pretas e 1, na escola pública, como branca. Das 19 crianças

apenas 02 na escola privada e 01 na escola pública informaram residir com uma pessoa idosa no domicílio.

Os achados produzidos nas sessões de Grupo Focal e Entrevistas Semiestruturadas Individuais foram submetidos à transcrição através de funcionalidade do editor de textos do OneDrive – Microsoft® e complementados pelas informações do Diário de Campo, compondo um corpo único, tratado seguindo a técnica de Análise de Conteúdo, na modalidade Análise Temática. O conteúdo foi organizado em dois blocos conforme a escola de origem, definidas as unidades de registro e de contexto e posteriormente classificados e interpretados a partir de diálogo com o quadro teórico.

A análise final do material permitiu a construção de 04 categorias apresentadas no Apêndice A: Quadro 1 – Categorias de representações encontradas, intituladas: 1. **Tempo, senhor dos desgastes**, que indica as representações referidas sobre velhice; 2. **O arauto da velhice**, relativo a quem é a pessoa idosa, como é identificada, quais tipos de pessoas idosas as crianças acessam e onde as encontram; 3. **Ontem e hoje se encontram**, centrada nas interações e relações que referem estabelecer com pessoas idosas não familiares e familiares (convivência, atividades e trocas partilhadas, atitudes das crianças); 4. **Amanhã serei como hoje**, abordando como as crianças se imaginam como velhos e velhas no futuro, atividades/papéis que desempenharão e quais atitudes esperam da família e comunidade.

1. Tempo autor dos desgastes

Nas representações de velhice referidas pelas crianças de ambas as escolas, sobressai a correlação entre velhice e passagem do tempo, seja na ancoragem expressa por **alcançar um tempo de vida** ou uma certa idade indicada entre alunos da EPv e objetivada por 60 anos ou por **acumular tempo de vida**, entre participantes da EPb, indicando a ênfase no tempo vivido, sem uma idade específica, mas em ambos os casos também referindo representações de **desgastes e declínio**, decorrentes da passagem do tempo, como expresso nas falas:

Cauã (EPv): É tipo quando uma pessoa que é... tem suas dificuldades, tem mais de 60 anos, precisa de ajuda pra suas dificuldades. Já é bem velha, senhor.

Diogo (EPb): A velhice é quando uma pessoa que já... já viveu bastante. Ela é... geralmente são pessoas, tipo, aposentadas, que tem parte... que já tem um corpo assim, desgastado, debilitado, tem uma experiência grande de vida. É, tem histórias para contar um psicológico mais forte que já viveu bastante.

A objetivação da velhice através de uma certa idade (60 anos) é consoante com a periodização da vida e classificação etária arbitradas socialmente e que servem como marcos reguladores da vida social. Essa regulação (comportamentos, tarefas, liberações e interditos movidos pela idade) é frequentemente acessada pelas crianças nas interações sociais a respeito de si mesmas e de outros grupos etários sociais e na observação de elementos visuais (placas de prioridade de atendimento, sinalizações de estacionamento) e midiáticos (reportagens, campanhas oficiais, propagandas) relativos às demarcações etárias.

Em estudo transversal realizado na Turquia pesquisando opiniões de crianças do 4º ano quanto ao envelhecimento e como tais opiniões mudam conforme os grupos de idade, Yuvakgil *et al.* (2025) também encontraram que a maior parte das crianças indicava uma idade (acima de 60 anos) como marco do envelhecimento. Isso indica que a demarcação etária prevalece (sendo critério em dispositivos regulatórios legais),

embora as fronteiras etárias pareçam, em certa medida, se dissipar em razão da valorização da juventude (Debert, 1999).

Por outro lado, coincidindo com a ausência de um marcador específico entre as crianças da EPb em nossa pesquisa, Teixeira *et al.* (2024), em estudo explorando percepções de idosos quanto à velhice e discriminação, também não encontraram entre os participantes a velhice demarcada por uma idade, o que pode se correlacionar às experiências com velhices não homogêneas.

Em relação à velhice representada por passagem natural de tempo, mas também por perdas físicas e psicológicas, no contexto de Salvador/BA, Moreira, Collares-da-Rocha e Fornasier (2021), em estudo com idosos e idosas, observaram representações construídas em torno da velhice como processo natural, marcado por limites físicos (tais como restrições à mobilidade, ter dores, sentir-se lento – aspectos referidos como indesejáveis e desfavoráveis) e como questão subjetiva (estado da mente). E, mais recentemente, o estudo de Oliveira (2024), com participantes entre 18 e 50 anos de idade, também encontrou representações que relacionaram velhice, ser idoso e envelhecer com passagem de tempo e aquisição de experiências, tornar-se sábio e, ao mesmo tempo, com debilidade, perdas de funções executivas e limitações físicas.

Essa preponderância de representações em torno dos aspectos negativos do processo de envelhecimento, embora tenham lugar em outros momentos históricos, pode se correlacionar a representações já amplamente compartilhadas, reforçadas por valores culturais contemporâneos cujos referenciais de fase de vida estão centrados na juventude, produtividade, força e vitalidade em oposição à velhice associada a perda de força, lentificação física, cansaço.

2. O arauto da velhice: a pessoa idosa

A pessoa idosa foi representada em ambos os grupos como quem é **portadora dos sinais visíveis** do envelhecimento, pelo **jeito de ser, de falar e olhar** e em **variabilidade** de expressões:

Nina (EPv): Eu olho para ela e eu vejo se ela não está com a pele enrugada, se ela anda devagar. Eu olho bem para o rosto dela e vejo... a pele enrugada.

Júlia (EPv): [...] eu fiz ao contrário. Coloquei que ela é sábia, normalmente cheio de histórias, viveu bastante, gentil, amorosa, educada. Eu coloquei mais isso... do jeito de ser.

Rugas e cabelos brancos, como sinais visíveis, anunciam aos demais a condição de velhice, e similar achado foi encontrado por Rosa, Castro e Vidal (2022) quando, entre participantes em diferentes fases da vida, as crianças também centraram suas representações de pessoa idosa nas marcas externas do corpo.

Contudo, uma vez que alguns sinais podem ser encobertos, outros aspectos, a exemplo do timbre da voz, mudanças na estatura, curvatura da coluna, a velocidade do caminhar, foram enunciados por crianças do nosso estudo como recursos menos disfarçáveis da condição de pessoa idosa.

Esse encobrimento de sinais do envelhecimento como um mecanismo de negação dessa condição é uma realidade acessível na contemporaneidade a sujeitos de determinadas classes sociais (e sobressai-se entre mulheres), evitando que tais sujeitos possam ser classificados como velhos a partir da observação de seus corpos.

O corpo, entretanto, não é apenas o suporte material da nossa existência, mas é, ele mesmo, também construção social e cultural no sentido, por exemplo, de que é valorizado ou não, em razão de expressar determinados atributos externos, os quais

situam o corpo ideal (jovem, alto, magro, forte) na perspectiva de produtividade, beleza, juventude, dinamismo (Teixeira *et al.*, 2024).

Em ambos os grupos, representações ancoradas em **jeito de ser** foram referidas por meninas, as quais consideraram que outros elementos, além dos atributos físicos, podem explicar a pessoa idosa. Assim, entre crianças da EPv, o **jeito de ser** foi objetivado por aspectos da personalidade (tanto sob termos de carga positiva – gentileza, amorosidade, educação, sabedoria – quanto negativa, como estressada, rabugenta, fraca, lenta), competências e papéis sociais. Entre as meninas da EPb, a representação em torno do **jeito de ser** foi objetivada pela fala e atitude carinhosa, as quais se relacionam a aspectos positivos, sendo inclusive destacados quando comparados a pessoas de outras faixas etárias. Representações relacionadas a atributos não físicos, com conotação mais positiva, também foram referidas por meninas em estudo de Gvozđ e Dellaroza (2012) com adolescentes escolares, no Paraná.

Representações ancoradas como **jeito de falar** (objetivadas por expressões, termos ou gírias em desuso que indicariam a fase de vida da pessoa) e o **jeito de olhar** (objetivado por experiência e sabedoria) foram outras características que, segundo as crianças da escola privada, anunciariam a condição de ser idoso.

Além das representações centradas nos sinais como rugas ou cabelos brancos, os meninos nos dois grupos também trouxeram aspectos como vitalidade, vigor e independência física. Esta diferença entre meninas e meninos correlaciona-se aos papéis e atribuições de gênero que são considerados esperados e culturalmente construídos.

Entretanto, as diferenças de gênero não afetam apenas as representações, atitudes e comportamentos esperados das pessoas idosas, mas a própria percepção de pessoas idosas, como observado em pesquisa realizada por Ishikawa (2023) na Finlândia, com pesquisados acima de 16 anos de idade sobre estereótipos autodirigidos a respeito do envelhecimento. Nessa pesquisa, identificou-se que ser mulher, ter concluído ensino superior, apresentar avaliação negativa da qualidade de vida e consciência da discriminação institucional com idosos foi correlacionado à autopercepção mais negativa do envelhecimento, revelando que as mulheres podem ser mais afetadas ao longo do envelhecimento.

Em relação às expressões de velhice, ambos os grupos trouxeram representações em termos de **variabilidade** ou heterogeneidade de pessoas velhas. Contudo, entre as crianças da EPv, foram objetivadas em termos de aparência, preferências (o que vestir, comer, sair), as características de personalidade (alegres/ranzinzas, otimistas/pessimistas), níveis de independência (limitações ou ausência delas), disposição física (mais/menos ativas). Entre as crianças da EPb, objetivada em razão do contexto prévio de vida, indicando que fatores diversos constroem a velhice de cada pessoa e geram a heterogeneidade que se expressa no ambiente social.

Essa representação de heterogeneidade de velhices tanto pode se correlacionar com experiências prévias do cotidiano, como assinalado pelas crianças-participantes, mas também a contatos com elementos do universo reificado, entre eles as publicações da literatura infantil, as quais têm apresentado imagens mais plurais de velhices. Isso é assinalado na pesquisa empreendida por Miranda e Paz (2026), de caráter descritivo-exploratório, analisando duas obras clássicas e duas obras atuais de literatura infantil. Os resultados evidenciaram que os discursos sobre a velhice nas obras clássicas expressavam estereótipos de fragilidade, dependência, isolamento ou maldade associados a pessoas idosas, e nas obras atuais a pessoa idosa é

apresentada com função social participativa, positiva, consciente da vivência da velhice.

Por outro lado, representação de velhice como homogênea e tomada sob aspectos negativos como maior restrição, baixa atividade e dificuldades de locomoção foi referida por uma das crianças da EPb, correlacionada à experiência cotidiana com pessoa idosa familiar dependente físico-funcional. Lima *et al.* (2016) observaram semelhante representação da velhice – como incapacitante, patológica, relacionada à finitude, tempo de solidão, medo, insegurança e ausência de expectativa – ao pesquisar entre pessoas idosas com dependência funcional, revelando que tal condição impacta nas representações construídas.

3. *Ontem e hoje se encontram*

Ao indicar *onde* e *como* velhice e infância se aproximam no cotidiano, ambos os grupos ancoraram suas representações em **variedade de espaços e atividades** realizadas por idosos não familiares, sendo **respeito** a atitude dirigida a tais pessoas.

Os variados espaços são objetivados entre crianças da EPv como **espaços públicos mais amplos** (shopping center, escolas de esporte ou rua em geral), e pelas crianças da EPb como **espaços do entorno de suas residências** (vizinhança, mercearia próxima à casa, casa de familiares, bar ou boteco vizinho).

As objetivações de espaço indicadas por crianças da EPb, quando expressas em termos das interações e atitudes adotadas para com pessoas idosas nesses contextos, remetem à ideia de que “o espaço urbano é mais do que sua materialidade física: é também densidade simbólica e afetiva” (Cassol; Bazzoli, 2025), uma vez que carrega atribuição de sentidos de familiaridade, reciprocidade e cuidado.

Tal atribuição de sentidos se reflete nas atitudes referidas como **oferecer suporte** (carregar compras, ajudar a atravessar a rua, realizar pequenas compras para a pessoa idosa, conversar sobre o cotidiano), o que pode se relacionar à noção de comunidade (vizinhança) e cooperação dela decorrente, como explicitado por uma criança deste grupo:

Daniel (EPb): Na rua, quando ela tá... é... ino fazer compra. Também eu ajudo as pessoas na rua, que nem eu ajudo minha vó: eu carrego até a casa dela o que minha mãe deixa. Carrego até a casa dela, deixo tudo lá na casa dela, na porta, se ela preferir na porta ou na casa dela.

Entre crianças da EPv, as atitudes com pessoas idosas não familiares foram indicadas como **respeito, educação e afeto**, objetivados por cumprimentar, dar a vez ou ouvir algo. Nesse sentido, Lima *et al.* (2025) também encontraram, em estudo qualitativo com adolescentes escolares em Fortaleza, citações de atitudes de respeito, cuidado, tratar bem e generosidade dirigidas a pessoas idosas em geral, encontradas em diversos espaços, refletindo civilidade e humanização.

Distinção também foi identificada entre as representações relativas às atividades desenvolvidas por pessoas idosas: crianças da EPb ancoraram as representações em **atividades instrumentais e no exercício de papéis sociais**, objetivadas por fazer compras próximo à residência, acompanhando os netos a algum lugar, passeando com pets, outras atividades de interação na comunidade (como conversando à janela). As objetivações das crianças da EPv indicam caminhadas, passeio com netos, acompanhar netos à escola ou atividades de prática esportiva, estando tais representações, portanto, apoiadas em **atividades de lazer, exercício de papel social e autocuidado**.

Em relação a existir atividades próprias de pessoas idosas, ambos os grupos indicaram as representações **obviamente, sim, pode fazer o que quiser e depende**

das capacidades de cada um. De modo menos frequente, houve referência a coisas que **não pode fazer**.

A representação da existência de atividades próprias (**obviamente, sim**) de pessoas idosas foi mais partilhada entre crianças da EPb e objetivadas como atividades instrumentais (cozinhar, fazer compras, pagar contas), interação com outras pessoas (conversar e transmitir o legado), lazer e autocuidado (cuidar de animais de estimação e fazer exercício físico).

Contudo, rompendo com a ideia de existir uma atividade própria de velhos e velhas, uma das crianças assinala, a exemplo do crochê, que elas podem ser desenvolvidas por diferentes grupos etários, como se vê na fala de **Jade (EPb)**, ao assinalar: “Minha vó faz crochê, mas minha mãe faz crochê, minha tia faz crochê. ‘Eu’ [ênfatisa esta palavra] faço crochê”.

Na EPv, a representação **obviamente, sim**, recorrendo às observações do cotidiano e a elementos do universo reificado, foi objetivada em atividade física, como não somente própria, mas necessária em razão da sua implicação para a saúde e manutenção da longevidade, como cita uma criança da EPv, ao tomar por referência um vídeo em redes sociais:

Felipe (EPv): É... É... É... o Canadá, por exemplo fez uma, é... uma propaganda do governo do Canadá... demonstrando é... as pessoas... as que fazem exercício e as pessoas que não fazem exercício... E no meio do vídeo tinha lá é... um idoso correndo, como sendo um idoso normal: é que fazia exercício quando era mais novo.

Tal representação alinha-se ao conceito de envelhecimento bem-sucedido como escolha individual (o chamado empreendimento de si) e malsucedido como responsabilidade individual, conforme apontado por Felc e Felc (2025). Essas ideias, recorrentes nos discursos midiáticos desconsideram peculiaridades das vidas reais que nem sempre permitem a todos os sujeitos igual envolvimento em atividades de autocuidado em razão das condições materiais em que vivem.

A representação **pode fazer o que quiser** foi majoritária entre as crianças da EPv e apontada no sentido de autonomia e realização de sonhos, numa velhice ativa e prazerosa, consoante com o conceito de Terceira Idade – construção contemporânea relativa a uma experiência de envelhecimento como um tempo de vida preenchido por atividades, lazer e bem-estar no contexto do envelhecimento ativo e positivo – como uma espécie de nova juventude (Debert, 1999).

Não pode fazer apareceu entre menor número de crianças, objetivada por atividades que consideram proibidas às pessoas idosas por oferecem riscos à integridade física de pessoas já desgastadas, como correr, utilizar pesos na academia, além de riscos à saúde, tais como: beber, fumar, correr muito, não adotar hábitos saudáveis.

Revelando as características culturais de gênero, na escola pública meninos trouxeram proibições mais voltadas à mobilidade e riscos para saúde, e meninas quanto a riscos nas tarefas instrumentais nos cuidados com a casa e à segurança pessoal ao estar sozinha, como observamos na fala de **Laís (EPb)**: “Não fazer muito esforço pra abaixar. Não ficar sozinha em casa, porque se acontecer alguma coisa, se ela desmaiar, sei lá... Se cair, sei lá... ninguém vai tá por perto”.

Ainda nos dois grupos, a representação social ancorada em **depende das capacidades de cada um**, implica ser possível ao idoso realizar diversas atividades: elas não seriam próprias nem proibitivas, mas relacionadas ao nível de funcionalidade ou desgaste do indivíduo.

Em relação ao termo utilizado para referirem-se a pessoas na velhice, ambos os grupos referiram os termos idoso e velho respectivamente objetivados por educação/respeito e ofensa/inutilidade. Rabinovich, Moreira e Fornasier (2019) também encontraram essas associações do termo idoso a maior consideração, e velho a lixo ou inutilidade.

As crianças deixam claro que tais representações se construíram também a partir das suas conversações com pessoas idosas, as quais apontam desconforto ao serem tratadas por termos como velho ou velha. Muitas crianças indicam que a partir dessas conversações, suas ideias (representações) iniciais mudaram, tendo adotado o termo idoso, como acentua **Aline (EPb)**: “Não. Minha avó reclama: ‘Não sou ‘véia’ não, menina! Não sei o quê, não sei o quê’... [sinalizando que a avó segue falando sobre a inconformidade do termo]”.

Embora apenas 3 crianças tenham informado residir com uma pessoa idosa no domicílio, a Tabela 1 apresenta dados relativos à frequência de convivência com pessoas idosas familiares. Isso se dá porque muitas crianças ficam sob supervisão diária de suas avós e/ou avôs (maior entre aquelas da EPb) ou mantêm encontros regulares aos finais de semana. Encontros eventuais (considerados como intervalos superiores a dois meses, em férias ou comemorações familiares) foram referidos quando seus avós residem em outras cidades.

Tabela 1 – Convivência com Pessoa Idosa Familiar

Frequência de convivência	Crianças do Grupo da Escola Pública	Crianças do Grupo da Escola Privada
Diária	5	3
Semanal/final semana	3	3
Eventual/férias escolares ¹	1	4

(¹) Intervalos superiores a 2 meses

Fonte: Dados da pesquisa (2022)

A convivência com pessoas idosas é considerada um elemento relevante na produção de representações sobre velhice. Dsouza e Kamath (2025), em um estudo transversal com crianças escolares na Índia, quanto às atitudes em relação a pessoas idosas, encontraram correlação entre atitudes favoráveis e convivência com idosos em famílias extensas. No Brasil, a respeito da relação avós-netos, Azambuja e Rabinovich (2017) e Dias (2022) apontam-na como produtora de bens intangíveis (suporte emocional mútuo, ludicidade, diversão, cuidado, companhia, exemplo moral, cooperação, valores religiosos) e mesmo bens materiais (como realizar favores domésticos, oferecer suporte financeiro, ensino-aprendizagem de novas tecnologias).

Outros estudos, como o de Hoffmann e Kornadt (2022) e o de Lima *et al.* (2025), contudo, apontam para variáveis relativas ao estado de saúde dos avós e qualidade das interações como um moderador das autopercepções dos seus pesquisados a respeito do envelhecimento, apontando a relação entre melhor estado de saúde e representações mais positivas.

Relações com avós em situações de doenças muito incapacitantes podem tornar-se delicadas ou exaustivas, conforme apontado por algumas crianças sobre contatos frequentes com tais familiares, repercutindo na representação da velhice como problema. Sobre isto, em estudo realizado com 24 filhas-cuidadoras de genitores (de ambos os sexos) com demência de Alzheimer, em Brasília-DF, as quais também eram mães, Falcão e Bucher-Malusckhe (2022) encontraram que os netos podem ser impactados por esse diagnóstico, sobretudo adolescentes, que podem ver reduzido o apoio de adultos de referência nessa fase de suas vidas. Ao mesmo tempo,

concluem que tal circunstância pode servir ao fortalecimento das relações familiares, oportunizando aprendizagem sobre situações mais desafiadoras.

Ainda sobre as relações com pessoas idosas familiares, os dois grupos da nossa pesquisa trouxeram **atividades compartilhadas** como uma representação em comum, sendo elas objetivadas como construção do legado, apoio e aprendizado em tarefas cotidianas e cuidados pessoais. Nesse convívio constroem-se as relações intergeracionais representadas entre as crianças da EPv como aprendizagem mútua: aprendem sobre a vida e ensinam sobre tecnologia, e na EPb como suporte mútuo, com idosos oferecendo tempo, produtos de seus saberes, suporte psicológico e recebendo alegria, diversão e conhecimento para uso das tecnologias.

A respeito da inserção das tecnologias entre pessoas idosas e relações intergeracionais, Torres (2022) realizou estudo com 12 díades de avós-netos adultos em Recife e Olinda, encontrando que os netos foram os principais apoiadores do processo de aprendizagem das novas tecnologias. Os netos observaram que suas avós aprendem, mesmo com ritmo mais lento, e que a atenção destinada a esse processo fortaleceu o vínculo de confiança e cuidado.

As crianças em ambos os grupos trouxeram poucas referências a práticas intergeracionais no contexto das atividades escolares e identificam poucos profissionais como pessoas na velhice nesse espaço. Em oposição a isso, práticas intergeracionais que extrapolam a relação com idosos familiares é apontada como recurso para minimizar estereótipos relativos à velhice, como encontrado em estudo nacional conduzido por Blanche *et al.* (2021) no Piauí. Os adolescentes escolares pesquisados apresentaram mudanças nas suas representações, as quais mostraram-se menos negativas após intervenção (acesso a atividade planejada sobre envelhecimento e velhice e visita/atividades com idosos de uma Instituição de Longa Permanência), o que salienta a validade de tais práticas.

Todaro e Cachioni (2022) também investigaram as representações da velhice após uma ação educativa gerontológica em estudo pesquisa-ação. Neste estudo, 66 crianças do ensino fundamental entre 7 e 10 anos de idade participaram da intervenção que consistiu na audição de livros de literatura infantil nos quais a velhice era retratada em multiplicidade de modos. Antes e após a intervenção as crianças foram convidadas a desenhar a si mesmas hoje e como pessoas idosas futuras. A análise dos desenhos permitiu observar mudança nos estereótipos e representações de velhice após a intervenção, ocorrendo deslocamento para visões mais realistas e diversas sobre a pessoa idosa, reiterando a importância de ação educativa gerontológica na produção das representações e na promoção de atitudes positivas em relação à velhice e pessoas idosas.

4. Amanhã serei como hoje

Quando solicitados a pensar sobre suas velhices futuras, as crianças do nosso estudo não demonstraram dificuldade em fazê-lo, bem como em referir suas representações a respeito de como seria essa fase da vida. Contudo, suas representações distinguiram-se, em grande parte, daquelas que foram referidas para descrever a velhice vista no outro. Se no outro a velhice foi representada como desgastes, sinais externos do envelhecimento e ausência de papéis sociais, a própria velhice futura foi tomada em uma perspectiva mais positiva e promissora pela maior parte das crianças, em ambos os grupos.

Assim, entre crianças da EPv, a própria velhice foi representada como **autônoma, saudável, com atividades** (trabalhar/empreender, passear, ter lazer e aproveitar a vida), **papéis sociais** (ser avó/avô, ser aposentado, ser eleitor), **cuidados permanentes com a saúde** (alimentação, medicamentos) e

independência no cotidiano (realizar suas atividades instrumentais, cuidar dos netos), como indicado pela fala de **Júlia (EPv)**: “[...] e também quero fazer, tipo saltar de paragliders, se der. [...] Fazer trilha, tirolesa”.

Além disso, velhice futura, como uma extensão das suas realidades atuais, também se encontra na fala a seguir:

Felipe (EPv): A mesma coisa que eu faço hoje em dia. Quer dizer, depende. É... eu faço karatê e eu não sei se eu vou fazer quanto tiver idoso. Porque exige bastante do joelho, mas eu acho que vou fazer ainda. Futebol, inglês... ler, ficar no celular. Comer bastante, só não vou poder comer tanta besteira.

No grupo da EPb, representações foram ancoradas em ser **saudável** (exercícios e forma física), ter uma personalidade **agradável** (personalidade com características mais positivas) e **tecnológica** (pois projetam-se como protagonistas das redes sociais virtuais), enfatizando a indistinção presente-futuro.

No estudo de Oliveira *et al.* (2022), os participantes adolescentes escolares também não referiram dificuldade para pensar sobre as suas velhices, trazendo elementos como ser saudável, ter papel social e característica de personalidade (divertida) oposta à rabugice, amplamente associada às pessoas idosas. Isso é também consoante com os achados na pesquisa de Oliveira (2024), cujos pesquisados (adultos entre 18 e 50 anos de idade) trouxeram como elementos a levar para a velhice o vigor, saúde, energia e disposição.

Representações relativas aos papéis sociais foram referidas como uma forte relação entre ser avó/avô e aposentadoria. Em relação a ter netos ou ser avó/avô, esta condição foi mais citada por meninos que meninas, o que pode se correlacionar às mudanças de representações contemporâneas sobre ser mulher e seus papéis/tarefas.

Relacionamentos, namoro e sexualidade foram aspectos não apontados pelas crianças como relacionados à velhice – nem a do outro, nem as suas próprias. Isto é consoante com a literatura sobre velhice ao assinalar que embora a sexualidade acompanhe os indivíduos ao longo da vida e não se extinga com o envelhecimento, há socialmente tabu e dessexualização do corpo da pessoa idosa, como encontrado por Vieira, Coutinho e Saraiva (2016) em estudo sobre representações da sexualidade entre idosos de um grupo de convivência em João Pessoa/PB. Essa dessexualização é aspecto relevante, uma vez que pode comprometer negativamente a qualidade de vida de pessoas idosas que exercem sua sexualidade, inclusive grupos sexualmente não normativos.

Em relação a problemas de saúde presentes na velhice e impeditivos para a realização de suas atividades e projetos, houve menção por uma das crianças da EPv, que se referiu a alteração cardíaca. Contudo, de modo geral, situações de dificuldades, quando mencionadas, eram também referidas como passíveis de serem contornadas, reforçando nos dois grupos a máxima de que velho é sempre o Outro, uma vez que em relação a si mesmos a velhice parece ser muito mais positiva e prazerosa.

Relativamente aos modos de serem tratados pela comunidade e pelas famílias, não foram, contudo, muito diferentes as representações sobre a velhice futura e a atual, mantendo representações quanto às atitudes da comunidade ancoradas em **respeito**, sendo na escola pública acrescidos de **ajuda e afeto**, e na escola privada, de **afeto**. O respeito, conforme salientado por uma criança da escola privada, difere de auxílios excessivos e que podem culminar em infantilização ou redução da autonomia das pessoas idosas. Tal observação foi encontrada por Teixeira *et al.*

(2024) ilustrando, a partir da fala de uma idosa-participante de sua pesquisa sobre experiências de discriminação na velhice, que atitudes pseudopositivas podem camuflar discriminação por reforçar concepções de incapacidade e dependência geralmente associadas à velhice.

Quanto às atitudes de familiares, crianças da EPv representam-nas como **respeito com maior atenção** (objetivada por conversar) e afeto. Já entre as crianças da EPb, concernentes às suas velhices futuras, também prevaleceu a representação em torno do **respeito** traduzido por comportamentos de deferência (tomar a bênção, ajuda instrumental e carinho), além de **afeto e ajuda instrumental**.

Assim, os resultados encontrados apontam que em relação à própria velhice futura, em ambos os grupos as representações tanto se mostram mais positivas, em torno da heterogeneidade, papéis sociais, cuidados em saúde, como também podem indicar negação da velhice quando a própria velhice é tomada como reprodução da juventude em referência às próprias crianças e observada de forma mais negativa quando diz respeito aos outros.

Considerações finais

Este artigo apresentou estudo que teve por objetivo conhecer as representações construídas por crianças do 5º ano do ensino fundamental I de escolas das redes pública e privada em Salvador, em relação à temática da velhice e as relações que instituem com pessoas idosas e sua própria velhice futura.

O seu caráter qualitativo, a adaptação de procedimentos aos sujeitos crianças-participantes e a inclusão destas como pesquisados são aspectos que colaboram para destacar o valor dos estudos de campo e a importância de oportunizar voz a todos os sujeitos, pois as crianças, a partir dos recursos de sua categoria, produziram informações relevantes para a compreensão de um tema social complexo como é a velhice.

Embora contando com uma pequena amostra de participantes, a pesquisa encontrou resultados que convergem para achados de outros estudos nacionais e internacionais (mesmo entre aqueles que utilizaram estratégias não qualitativas), demonstrando que na contemporaneidade coexistem diferentes representações sobre o que seja envelhecer e a velhice, bem como sobre os modos de olhar e se relacionar com pessoas idosas, mas ainda com persistência de estereótipos ou visões que trazem conotação negativa referente à pessoa idosa. Também evidencia a ausência de uma perspectiva educacional gerontológica nas escolas do ensino fundamental, quando há pouca referência tanto ao envelhecimento e velhice, como a ações intergeracionais.

Nesse sentido, visando ampliar os achados encontrados, sugere-se que novos estudos possam se concentrar na investigação de programas educacionais sobre a temática, ações intergeracionais planejadas em instituições de ensino e sobre novas formas de acesso ao universo reificado, a exemplo das mídias sociais, explorando o papel deste recurso na construção de representações sociais.

Referências

ANDRADE, Danyelle Almeida de. **Ontogênese da representação social sobre velho/velhice em crianças**: constituindo e diferenciando o “nós” e o “eles”. 2018. 117 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Programa de Pós-graduação em Psicologia, Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Recife, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/33102>. Acesso em: 14 fev. 2023.

AQUINO, Elizane Cristina de *et. al.* Representações Sociais, adolescentes e a questão do envelhecimento: uma revisão de literatura. **Revista Contemporânea**, Caruaru, PE, v. 4, n. 7, p. e5188, 2024. DOI: <https://doi.org/10.56083/RCV4N7-171>. Disponível em: <https://ojs.revistacontemporanea.com/ojs/index.php/home/article/view/5188/3904>. Acesso em: 25 fev. 2022.

AZAMBUJA, Rosa Maria da Motta; RABINOVICH, Elaine Pedreira. A convivência com os avós: um estudo exploratório na perspectiva das crianças. **Research, Society and Development**, v. 5, n. 1, p. 2-17, maio 2017. DOI: <https://doi.org/10.17648/rsd-v5i1.82>. Disponível em: <https://rsdjournal.org/rsd/article/view/82/91>. Acesso em: 25 fev. 2022.

BLANCHE, Bernado Rafael *et. al.* Abordagem estrutural de Representações Sociais de adolescentes escolares sobre o processo de envelhecimento. *In*: SILVA, Patrício Francisco da; SOUSA, Larissa Carvalho de (org.). **Enfermagem: desafios e perspectivas para a integralidade do cuidado**. [S. l.]: Editora Científica Digital, 2021. v. 1. p. 38-53.

BRANDÃO, Lenisa. SMITH, Vivian; SPERB, Tania Mara; PARENTE, Maria Alice de Mattos Pimenta. Narrativas Intergeracionais. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 1, n. 19, p. 98-105, 2006. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-79722006000100014>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/prc/a/39SYtLNM8s9M8QzpmrrdV5w/?lang=pt>. Acesso em: 25 fev. 2022.

CASSOL, Vanessa; BAZZOLI, João Aparecido. A escala do encontro: o bairro como práxis urbana. **Revista Sítio Novo**, Palmas, TO, v. 9, p. 1-11, 2025. DOI: <https://doi.org/10.47236/2594-7036.2025.v9.1776>. Disponível em: <https://sitionovo.ifto.edu.br/index.php/sitionovo/article/view/1776/948>. Acesso em: 01 set. 2026.

COSTA, Livia Fialho da. Notas sobre formas contemporâneas de vida familiar e seus impactos na educação dos filhos. *In*: NASCIMENTO, Antônio Dias; HETKOWSKI, Tânia Maria (org.). **Educação e contemporaneidade: pesquisas científicas e tecnológicas**. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 357-371. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/jc8w4/pdf/nascimento-9788523208721-16.pdf>. Acesso em: 06 jun. 2026.

DEBERT, Guita Grin. Pressupostos da reflexão antropológica sobre a velhice. *In*: DEBERT, Guita Grin (org.). **Antropologia e velhice**. 2. ed. Campinas, SP: IFCH/UNICAMP, 1998. p. 7-28. (Textos Didáticos, 13).

DEBERT, Guita Grin. Velhice e o curso da vida pós-moderno. **Revista USP**, São Paulo, n. 42, p. 70-83, jul. 1999.

DIAS, Cristina Maria de Souza Brito. Mapeando o relacionamento avós e netos. *In*: DIAS, Cristina Maria de Souza Brito (org.). **Avosidades: teoria, pesquisa e intervenção**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2022. p. 25-38.

DSOUZA, Josmitha Maria; KAMATH, Neetha. Children's perspectives towards the Elderly: A Cross-Sectional Survey. **Social Medicine**, New York, USA, v. 18, n. 1, p. 27-31, jan. 2025. DOI: <https://doi.org/10.71164/socialmedicine.v18i01.2025.1727>.

Disponível em:

<https://www.socialmedicine.info/index.php/socialmedicine/article/view/1727/3821>.

Acesso em: 18 jun. 2026.

FALCÃO, Deusivania Viera da Silva; BUCHER-MALUSCHKE, Júlia Sursis Nobre Ferro. Doença de Alzheimer: o impacto no relacionamento entre avós-filhas cuidadoras e netos. In: DIAS, Cristina Maria de Souza Brito (org.). **Avosidades: teoria, pesquisa e intervenção**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2022. p. 231-252.

FELC, Brina; FELC, Zlata. Intergenerational Knowledge of Ageism and Attitudes towards Age Stereotypes. **Journal of Medical – Clinical Research & Reviews**, v. 8, n. 1, p. 1-15, 2024. DOI: <https://doi.org/10.33425/2639-944X.1357>. Disponível em: <https://www.scivisionpub.com/pdfs/intergenerational-knowledge-of-ageism-and-attitudes-towards-age-stereotypes-3090.pdf>. Acesso em: 16 jun. 2026.

FELC, Zlata; FELC, Brina. The View of Adolescents and the Elderly on Ageism and the Stereotype of Frailty. **Journal of Medical – Clinical Research & Reviews**, v. 9, n. 6, p. 1-12, 2025. DOI: <https://doi.org/10.33425/2639-944X.1422>. Disponível em: <https://www.scivisionpub.com/pdfs/the-view-of-adolescents-and-the-elderly-on-ageism-and-the-stereotype-of-frailty-3934.pdf>. Acesso em: 16 jun. 2026.

GVOZD, Raquel; DELLAROZA, Mara Solange Gomes. Velhice e a relação com idosos: o olhar de adolescentes do ensino fundamental. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 02, p. 295-304, 2012.

DOI: <https://doi.org/10.1590/S1809-98232012000200012>. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rbagg/a/jMsR6y8gDbjcxK5FJkY8SWb/?lang=pt>. Acesso em: 22 maio. 2026.

HOFFMANN, Cathy; KORNADT, Anna E. A Chip Off the Old Block? The Relationship of Family Factors and Young Adults' Views on Aging. **Frontiers in Psychology**, Lausanne, CHE, v. 13, fev. 2022. DOI:

<https://doi.org/10.3389/fpsyg.2022.808386>. Disponível em:

<https://www.frontiersin.org/journals/psychology/articles/10.3389/fpsyg.2022.808386/full>. Acesso em: 29 maio 2026.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Demográfico 2022**: população por idade e sexo – pessoas de 60 anos ou mais de idade – Resultados do universo Brasil, Grandes Regiões e Unidades da Federação. Rio de Janeiro, 2023. Disponível em:

<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv102038.pdf>. Acesso em: 29 maio 2026.

ISHIKAWA, Motoko. Internalization of negative societal views on old age into self-perceptions of aging: exploring factors associated with self-directed ageism.

Frontiers in Sociology, Lausanne, CHE, v. 8, p. 1-12, nov. 2023. DOI:

<https://doi.org/10.3389/fsoc.2023.1291325>. Disponível em:

<https://www.frontiersin.org/journals/sociology/articles/10.3389/fsoc.2023.1291325/full>. Acesso em: 29 maio 2026.

LIMA, Ana Ofélia Portela *et. al.* Sentidos das relações intergeracionais de adolescentes no convívio com a pessoa idosa. **Ciência & Saude Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 30, n. 5, 2025. DOI: <https://doi.org/10.1590/1413-81232025305.00642025>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/dD7bf3zf5D79RKcwzvXccbs/?lang=pt>. Acesso em: 27 maio 2026.

LIMA, Pollyanna Viana *et. al.* Concepções de idosos longevos com dependência funcional sobre a velhice. **Revista Uniabeu**, v. 9, n. 22, p. 268-282, maio 2016. Disponível em: <https://scispace.com/pdf/concepcoes-de-idosos-longevos-com-dependencia-funcional-1lydios262.pdf>. Acesso em: 02 jun. 2026.

LOPES, Ewellyne Suely de Lima; PARK, Margareth Brandini. Representação social de crianças acerca do velho e do envelhecimento. **Estudos de Psicologia**, Campinas, SP, v. 12, n. 2, p. 141-148, ago. 2007. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2007000200006>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/epsic/a/7PjmrmCkjV8grVf59wZDpjd/?lang=pt>. Acesso em: 17 fev. 2022.

MARTINS FILHO, Altino José; BARBOSA, Maria Carmem Silveira. Metodologias de pesquisas com crianças. **Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, RS, v. 18, n. 2, p. 08-28, jul./dez. 2010. DOI: <https://doi.org/10.17058/rea.v18i2.1496>. Disponível em: <https://seer.unisc.br/index.php/reflex/article/view/1496>. Acesso em: 17 fev. 2022.

MIRANDA, Joseval dos Reis; PAZ, Tamyris Nunes da. A literatura infanto juvenil e o envelhecimento: tecendo os elos. **Textura**, Canoas, RS, v. 28, n. 73, p. 85-117, jan. 2026. Disponível em: <http://www.periodicos.ulbra.br/index.php/txra/article/viewFile/8429/5283>. Acesso em: 04 jun. 2026.

MOREIRA, Lúcia Vaz de Campos; COLLARES-DA-ROCHA, Julio Cesar Cruz; FORNASIER, Rafael Cerqueira. Representações sociais sobre a velhice, o envelhecer e o ser velho segundo homens e mulheres idosos. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 16, p. e339101623709, dez. 2021. DOI: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v10i16.23709>. Disponível em: <https://rsdjournal.org/rsd/article/view/23709/20987>. Acesso em: 21 set. 2022.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais**: investigações em Psicologia Social. 2. ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2004.

OLIVEIRA, Amanda Aparecida Afonso de Souza Nanini de. As coisas próprias do envelhecer: pesquisa qualitativa sobre as representações sociais do envelhecer, da velhice e do idoso. In: BURANI, Gabriel (org.). **Psicologia em extensão**: práticas exitosas da curricularização da extensão em graduação de psicologia. 1. ed. Cariacica, ES: Editora Manual, 2024.

OLIVEIRA, Francine Morales de *et. al.* A percepção de adolescentes sobre o envelhecimento, velhice e o ser idoso. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 13, p. e162111335150, out. 2022. DOI: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v11i13.35150>. Disponível em: <https://rsdjournal.org/rsd/article/view/35150/29584>. Acesso em: 28 maio 2026.

PAULA, Kenji Yuri Mitsuka de *et. al.* Faces do envelhecer: percepção de crianças sobre a pessoa idosa e o envelhecimento. **Escola Anna Nery – Revista de Enfermagem**, v. 29, p. 1-8, 2025. DOI: <https://doi.org/10.1590/2177-9465-EAN-2025-0033pt>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ean/a/txCfvWs5QXYsHSC8p88ZNkj/?lang=pt>. Acesso em: 28 maio 2026.

RABINOVICH, Elaine Pedreira; MOREIRA, Lúcia de Campos Vaz; FORNASIER, Rafael Cerqueira. Envelhecimento e velhice: pessoa e família. *In*: RABINOVICH, Elaine Pedreira; MOREIRA, Lúcia de Campos Vaz; BRITO, Eliana Sales; FERREIRA, Marilaine Menezas (org.). **Envelhecimento e intergeracionalidade: olhares interdisciplinares**. Curitiba: CRV, 2019. p. 41-58. (Família e Desenvolvimento Humano, v. 2).

ROSA, Caroline Schardosim da; CASTRO, Amanda; VIDAL, Gabriela Pereira. Representações Sociais do envelhecimento ao longo do ciclo da vida. **Revista de Psicologia da IMED**, Passo Fundo, RS, v. 14, n. 2, p. 18-36, jul./dez. 2022. DOI: <https://doi.org/10.18256/2175-5027.2022.v14i2.4591>. Disponível em: <https://seer.atitus.edu.br/index.php/revistapsico/article/view/4591/3143>. Acesso em: 01 jun. 2026.

SANTOS, Logan Andrade dos; SALES, Mara Marçal. Sobre a velhice: representações sociais de idosas. **Pretextos**, Belo Horizonte, v. 9, n. 17, p. 199-220, 2024. DOI: <https://orcid.org/0000-0002-8407-3965>. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/pretextos/article/view/32232/23327>. Acesso em: 01 jun. 2026.

SIMÕES, Luís Miguel Alves. **Envelhecimento e Idadismo**: Representações Sociais das pessoas mais velhas. 2024. 110 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Especialização em Dinâmicas e Estruturas Sociais, Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP), Porto, PT, 2024.

TEIXEIRA, Selenia Mesquita de Oliveira *et. al.* Percepções e experiências de idosos sobre a discriminação na velhice. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 24, jan./dez. 2024. DOI: <https://doi.org/10.12957/epp.2024.66572>. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/revispsi/article/view/66572/48969>. Acesso em: 29 maio 2026.

TODARO, Mônica de Ávila; CACHIONI, Meire. Representações da velhice: uma análise dos desenhos de crianças, antes e depois de uma ação educativa gerontológica. **Horizontes**, Itatiba, SP, v. 40, n. 1, p. e022045, 2022. DOI: <https://doi.org/10.24933/horizontes.v40i1.1212>. Disponível em: <https://revistahorizontes.usf.edu.br/horizontes/article/view/1212/664>. Acesso em: 14 jun. 2026.

TORRES, Karine de Andrade. A relação entre avós idosos e netos por meio das tecnologias de informação e comunicação. *In*: DIAS, Cristina Maria de Souza Brito (org.). **Avosidade: teoria, pesquisa e intervenção**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2022. p. 197-214.

VIEIRA, Kay Francis Leal; COUTINHO, Maria da Penha de Lima; SARAIVA, Evelyn Rúbia de Albuquerque. A sexualidade na velhice: representações sociais de idosos frequentadores de um grupo de convivência. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, DF, v. 36, n. 1, p. 196-209, jan./mar. 2016. DOI: <https://doi.org/10.1590/1982-3703002392013>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/dtF8qQ6skTwWk4jK5ySG7Gq/?format=pdf&lang=pt&ilang=en>. Acesso em: 23 fev. 2023.

YUVAKGIL, Zahide *et. al*. Children's opinions about older people: a cross-sectional study in Turkiye. **Australasian Journal on Ageing**, Lismore, AUS, v. 44, n. 1, mar. 2025. DOI: <https://doi.org/10.1111/ajag.13391>. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/epdf/10.1111/ajag.13391>. Acesso em: 29 maio 2026.

Informações complementares

Descrição		Declaração
Financiamento		Recursos do próprio pesquisador
Aprovação ética		Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Católica do Salvador, sob o Parecer: 5.444.722.
Conflito de interesses		Não há.
Disponibilidade dos dados de pesquisa subjacentes		Esse artigo não é um <i>preprint</i> . Os dados subjacentes da pesquisa não podem ser disponibilizados publicamente, conforme confidencialidade indicada em TCLE e TALE assinados pelos responsáveis e participantes (crianças).
Uso de Inteligência Artificial		Uso de aplicação (<i>Google Translate</i>) para tradução do resumo da língua portuguesa para o espanhol neste manuscrito no momento da submissão, sendo posteriormente revisados por especialistas conforme declarações apresentadas.
CrediT	Ana Cristina da Mata Neri	Funções: conceitualização, condução dos procedimentos de pesquisa, curadoria e análise de dados, escrita – rascunho original, revisão e edição.
	Livia Alessandra Fialho da Costa	Funções: orientação teórica e metodológica; colaboração na análise de dados; escrita – revisão e edição.

Avaliadores: Dra. Terezinha de Jesus Campos de Lima* (Campus São Luís Centro Histórico, do Instituto Federal do Maranhão. São Luís, Maranhão, Brasil). O avaliador “B” optou pela avaliação fechada e pelo anonimato.

Revisor do texto em português: Luís Fernando do Eirado Silva Python Sarno**.

Revisor do texto em inglês: Antonio Messias Nogueira da Silva**.

Revisor do texto em espanhol: Antonio Messias Nogueira da Silva**.

Como citar (ABNT):

NERI, Ana Cristina da Matra; COSTA, Livia Alessandra Fialho da. Representações sociais de velhice por crianças do Ensino Fundamental I em Salvador. **Revista Sítio Novo**, Palmas,

v. 10, p. e2306, 2026. DOI: 10.47236/2594-7036.2026.v10.2306. Disponível em:
<https://sitionovo.iftto.edu.br/index.php/sitionovo/article/view/2306>.

* Optou pela avaliação aberta e autorizou a divulgação da identidade no trabalho publicado e do parecer na página da Revista.

* Conforme informado pelos autores e comprovado pelo documento anexado ao sistema.

APÊNDICE A – Categorias de representações encontradas

Quadro 1 – Categorias de representações encontradas

	Escola Privada	Escola Pública
Tempo autor dos desgastes	Alcançar um tempo/idade de vida Desgastes Declínio	Acúmulo do tempo de vida Desgastes Declínio
O arauto da velhice: a pessoa idosa	Portadora dos sinais visíveis Jeito de ser, de falar e olhar a vida Heterogênea	Portadora dos sinais visíveis Jeito de ser e de falar Heterogênea Homogênea
Ontem e hoje se encontram	<i>Onde encontram</i> Variedade de espaços públicos <i>Tratamento Idoso Geral</i> Respeito, educação, afeto (cortesia) <i>Atividades Próprias</i> Pode fazer o que quiser Obviamente, sim Depende da Capacidade Não pode fazer <i>Termo Adequado</i> Idoso, senhor/a <i>Relações Idoso Familiar</i> Afeto, atividades compartilhadas, aprendizagem mútua	<i>Onde encontram</i> Variedade espaços (entorno residência) <i>Tratamento Idoso Geral</i> Respeito, Suporte <i>Atividades Próprias</i> Obviamente, sim Pode fazer o que quiser Depende da Capacidade Não pode fazer <i>Termo Adequado</i> Idoso, senhor/a <i>Relações Idoso familiar</i> Afeto, atividades Compartilhadas, suporte mútuo
Amanhã serei como hoje	<i>Velhice Futura</i> Produtiva, autônoma, saudável <i>Espera da sociedade</i> Respeito, afeto <i>Esperam da família</i> Respeito, atenção, afeto	<i>Velhice Futura</i> Tecnológicas, agradáveis, saudável Personalidade negativa <i>Espera da sociedade</i> Respeito, ajuda, afeto <i>Esperam da família</i> Respeito, afeto, ajuda instrumental

Fonte: Elaborado pelas autoras com base em dados da pesquisa (2022).